



**ST13. CULTURAS, IDENTIDADES E RELIGIOSIDADES AFROBRASILEIRA, INDIGENA E CIGANA**

912

## OS CIGANOS E A EXCLUSÃO SOCIAL

*Inalva Bezerra Nery<sup>1</sup>*

*Uelba Alexandre do Nascimento<sup>2</sup>*

**Resumo:** Muitos mitos se construíram em torno do universo cigano, numa atmosfera sombria que ao longo do tempo tem se desenhado na história desses povos tido como misteriosos para as nações ocidentais, especialmente em se tratando da cultura que os cerca. Neste artigo, buscaremos entender a origem do povo cigano, mostrando as correntes migratórias desses povos a priori chamados de nômades, e o porquê dessa cultura passar por um processo de anonimato e exclusão social, pela falta de fontes históricas que possibilitem um aprofundamento maior da pesquisa, ao mesmo tempo em que provoca um profundo interesse por esses povos, sua cultura e especialmente a sensualidade impressa na dança cigana.

**Palavras-chave:** Ciganos. História. Exclusão social.

## INTRODUÇÃO

Muitos mitos se construíram em torno do universo cigano, numa atmosfera sombria que ao longo do tempo tem se desenhado na história desses povos tido como misteriosos para as nações ocidentais, especialmente em se tratando da cultura que os cerca. Neste artigo, buscaremos entender a origem do povo cigano, mostrando as correntes migratórias desses povos a priori chamados de nômades, e o porquê dessa cultura passar por um processo de anonimato e exclusão social, pela falta de fontes históricas que possibilitem um aprofundamento maior da pesquisa, ao mesmo tempo em que provoca um profundo interesse por esses povos, sua cultura e especialmente a sensualidade impressa na dança cigana.

## CIGANOS: ORIGEM DE UMA EXCLUSÃO SOCIAL

<sup>1</sup> Inalva Bezerra Nery é ciganóloga e graduada em História pela UEPB, especialista em História da Educação e mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Lisboa, Portugal.

<sup>2</sup> Uelba Alexandre do Nascimento é graduada em História pela UFCG, mestre em Ciências Sociais pela UFCG e doutora em História pela UFPE e professora de História Antiga da UFCG, campus de Cajazeiras.

Falar sobre o povo cigano é, sobretudo, um privilégio, tendo em vista que a literatura disponível neste campo no que se refere a “cultura cigana” no mundo é farta; porém, em nível de Brasil torna-se ainda um tanto escassa, onde, o pesquisador por diversas vezes se depara com um eminente desafio de investigar sobre os aspectos particulares desse admirável universo, repleto de encantos, magia, musicalidade e tradições que representam tão categoricamente uma cultura tão peculiar como a desse povo.

Durante séculos, criou-se uma errônea imagem envolta de mistérios em torno deste povo, principalmente pela dificuldade de definir sua origem. De norte a sul, de leste a oeste do planeta, onde existir possibilidade de vida, lá estarão eles com suas famílias lutando pela própria sobrevivência, fincando assim sua bandeira e tomando posse da terra agora apoderada.

A cultura cigana é ágrafa, ou seja, transmite-se oralmente sem a presença de arquivos escritos, o que dificulta o estudo desses povos em tempos remotos. De acordo com Frans Moonen, a história dos povos ciganos não tem mais de alguns séculos, seu registro, data mais ou menos do ano 1050, quando o imperador de Constantinopla, atualmente Istambul na Turquia, difundiu a idéia de que esses povos eram praticantes de “coisas diabólicas” expulsando-os de suas terras.

Tendo este povo migrado para a Grécia e em 1322, alcançaram a ilha de Creta se expandindo em direção ao mundo Grego e a partir do século XV para Europa ocidental:

A partir do século XV, esses “ciganos” migraram também para Europa ocidental onde quase sempre afirmavam que sua terra de origem era o “pequeno Egito. Mais sabemos tratar-se, com certeza, da então denominação de uma região da Grécia, mas que, pelos Europeus da época, foi confundida com o egito, na África. Por causa dessa possível origem egípcia, passaram a ser chamados “egípcios” ou “egitanos”, ou ainda Gypsy (inglês), *eyptier* (holandês), *gitan* (francês), gitano (espanhol), etc. Mas, sabemos que alguns grupos se apresentam como gregos e anticiganos, razão pela qual também ficaram conhecidos como grecianos (espanhol), tsiganes (francês) ciganos(português), zíngaros (italiano), etc. (FILHO, 2005, p.25).

Segundo Filho (2005), a origem desses povos sempre foi um grande mistério rodeado de lendas e fantasias que somente no século XVIII passou a ser discutido com mais seriedade. Focando basicamente num estudo lingüístico, pesquisadores concluíram que os mesmo seriam de origem indiana, visto que o dialeto romani, falado entre os grupos ciganos, tem profundas semelhanças com o sânscrito<sup>3</sup>.

Posteriormente, na Alemanha, pesquisadores se dedicaram a um estudo mais criterioso desse fenômeno realizado por Christian Buettner em 1771, Johann Ruediger em 1782 e Heinrich Grellmann em 1783. Curiosamente, o pesquisador Fraser notou que após a realização de um documentário sobre a origem do povo cigano, publicado na Grécia na década de 1980, constatou que as “... jovens ciganas gregas passaram a vestir os longos e coloridos Sárís indianos e introduziram elementos orientais nas suas

<sup>3</sup> Foi em 1753, na Holanda, um estudante húngaro observou algumas semelhanças entre a língua cigana e a língua indiana constatando um parentesco com o Sânscrito.

danças”. (FRASER, 1992, p. 22). Criava-se uma necessidade de identificação, uma idéia de pertencimento aquele grupo de origem.

Semelhante caso ocorreu também no Brasil quando, após a divulgação do trabalho do pesquisador Moraes Filho (1981), que localizava o primeiro assentamento de ciganos no Rio de Janeiro<sup>4</sup> e uma rua que era tipicamente de residências de ciganos no século XIX, houve um aumento de mulheres, que moravam nos bairros do Cachambi, Del Castilho, Grajaú e Andaraí, que começaram a praticar a dança cigana. Segundo Bomfim:

Estas mulheres encontraram nesta modalidade de dança e nas festas que freqüentavam o espaço ideal para a concretização de um ideário que a relacionava à espontaneidade e ao improviso, compartilhando da crença de terem sido ciganas em outra encarnação. Além disso, dentro da sala de aula eram apreendidos todos os pressupostos para a construção de uma nova identidade, a de *cigana de alma*, que pretendia ser livre, “dançando para esquecer tristezas e comemorar a vida”. (BOMFIN, 2002)

Desta forma, podemos verificar que a comprovação da origem lingüística dos ciganos admitia a origem desses povos a partir da região do Punjab, noroeste da Índia (atual Paquistão), por volta do ano 1000 da era cristã. Um recente estudo lançado este ano de 2012<sup>5</sup> pelo pesquisador português Antonio Amorim confirma que as populações ciganas européias têm sua origem no noroeste da Índia (região do Punjab), mas que “não há nenhum gene de ‘ciganidade’. As comunidades ciganas, como a portuguesa, não são compostas por indivíduos que tenham uma ‘marca’ genética ou biológica distintiva”.

Amorim e sua equipe analisou diretamente genes de 214 ciganos não aparentados na Península Ibérica<sup>6</sup>, dos quais 138 eram portugueses, e percebeu que apesar das pessoas pensarem que:

os ciganos têm determinadas características e que são portadores de qualquer coisa distintiva, o que se verifica, de facto, é uma atitude social de auto identificação e de reconhecimento pelos outros, mas não corresponde a nada individualmente verificável do ponto de vista genético. (Revista Ciência Hoje, 19/06/2012)

<sup>4</sup> O primeiro assentamento de que se tem notícias no Rio de Janeiro ficava no alagadiço conhecido como Campo dos Ciganos, onde mais tarde seria a Praça Tiradentes. A comunidade se estendeu, no século XIX, até as ruas de Sant’Ana e dos Ciganos, esta posteriormente rebatizada de Rua da Constituição (ARAÚJO e FARIA, 2006, p. 26-27).

<sup>5</sup> Trata-se da pesquisa realizada e publicada na Revista Internacional Plos One e divulgada no Brasil pela Revista Ciência Hoje, de 19 de junho de 2012, do pesquisador português Antonio Amorim, que é coordenador do Instituto de Patologia e Imunologia Molecular (IPATIMUP). Acesso: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=47074&op=all> ou o artigo em inglês publicado pela Plos One: <http://www.plosone.org/article/info:doi/10.1371/journal.pone.0015988>.

<sup>6</sup> Os investigadores tinham já analisado em anteriores estudos as linhagens masculinas e marcadores genéticos com transmissão independente do sexo das populações ciganas portuguesas. Agora, centraram-se nas linhagens genéticas maternas e confirmaram que a origem destas populações se localiza no noroeste do subcontinente indiano (estado do Punjab). Concluiu-se ainda que as suas migrações levaram a diferentes graus de mistura com as diferentes populações locais.

Ou seja, as comunidades ciganas atuais são geneticamente bastante diversificadas e incorporaram de forma diversa os elementos genéticos das várias populações europeias. A incorporação de genes de origem europeia é maior quanto maior for a distância geográfica do ponto de origem e à medida que aumenta também o tempo decorrido na migração (AMORIM, 2012)

O que Antonio Amorim quis fazer com este estudo foi “desdramatizar questiúnculas” ou atitudes xenófobas que surjam em relação às comunidades de ciganos e provar definitivamente que sua origem e raiz comum são definitivamente indianas, além de traçar o percurso que marcaram suas migrações pela Europa.

Assim, como toda sociedade precisa sobreviver, os povos ciganos também enfrentam seus desafios em busca de sobrevivência, espaço e qualidade de vida. Os grupos sedentários, por exemplo, busca nas propriedades desenvolver sua economia baseada nos que nós chamamos de agro-pastoreiros: domando animais, cultivando a terra, para dela retirar sua sobrevivência; os seminômades vivem do comércio informal; e os nômades costumam viver da mendicância; porém, não divergem de suas tradições, mantendo-se em harmonia nos que diz respeito a sua cultura, gostam de cantar, dançar, admiram e respeitam a natureza como obra do divino, praticam arte circense, pedem ou até mesmo roubam, pois, a fome e a miséria, os maus tratos corrompem o homem em qualquer sociedade, como afirma Cristina Betioli Ribeiro:

Na condição de marginalizados, muitos ciganos de fato se rendiam à exclusão e correspondiam à imagem preconcebida de marginais, tornando-se alvo de ocorrências policiais e notícias jornalísticas, que sedimentavam opiniões negativas e generalizadas sobre o seu povo (RIBEIRO, 2006, p. 25).

## **CIGANOS NO BRASIL: DEGREGO E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

Documentos históricos comprovam que as primeiras expedições de ciganos encontradas no Brasil se deram em Salvador, principalmente por se tratar de uma capital colonial, aonde posteriormente a expansão veio a ocorrer principalmente a partir de 1700, em direção a região das Minas Gerais. Para alguns historiadores esse fato se deveu a enorme popularidade do ouro na região onde se localizavam tais minas.

Para Filho (1948) os ciganos chegaram a Minas Gerais possivelmente penetrando pelo Rio São Francisco:

Num bando de 15 de julho de 1723, fazendo uma variação do decreto de 1718, recorda que *El Rey* havia remetido ciganos ao Brasil apenas para que seguissem em direção à Angola, e não para que ficassem no continente americano. (Almeida *apud* Moonen, 2008, p.11).

Fica completamente perceptível que os ciganos ao olhar dos povos daquela época, foram rotulados com nomenclaturas nada positivas, onde por diversas vezes

eram tidos e tratados como pessoas que incitavam a prática da agitação<sup>7</sup> e inquietação relacionada diretamente à má conduta, criando estereótipos e agregando a tal povo uma imagem perniciososa como o de ladrões, salteadores e agitadores, o que de certa forma contribuiu para que esse povo se tornasse indesejável ao convívio da sociedade brasileira.

No período de 1790 ocorre no Brasil a expansão dos imigrantes ciganos para diversas regiões do país, onde podemos ressaltar principalmente o Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco como focos prevaletentes dessa imigração.

Com a chegada da família real ao Brasil em 1808, o povo cigano teve a oportunidade de demonstrar seus dotes artísticos e deixar bastante claro que não eram os povos baderneiros e desprestigiados de talento e cultura como pregava a sociedade da época. Com a presença da família real em território brasileiro os ciganos tiveram a oportunidade de mostrar sua cultura e costumes onde começaram a ser bastante requisitados em apresentações reais com o principal intuito de entreter os membros da coroa real portuguesa. Nestas ocasiões, mostravam suas danças e cantorias, passando a serem vistos de uma maneira diferenciada, não mais como meros marginais, mas sim, como artistas de alto nível como afirma Moonen:

Assim, em fins das décadas de 1820, os ciganos já não eram mais requisitados para se apresentarem nas festividades da corte no império recém fundado. Não havia qualquer possibilidade de eles servirem ao perfil que se queria para o “ser brasileiro”. Já no início do século XIX, a questão da raça era um tema fundamental na definição da identidade nacional, mesmo que através de uma afirmação romântica do exotismo. No momento imediatamente posterior a independência buscou-se descrever a nação de forma a-histórica, via paisagem natural (MOONEN, 2008, p.17).

Quando nos referimos aos ciganos, muitas vezes não levamos em consideração a exclusão do qual os mesmos foram e ainda são vítimas ao longo de sua história. Segundo a pesquisadora Florencia Ferrari, nos seus estudos sobre as representações do cigano na literatura ocidental, o que marca o lugar do cigano no imaginário ocidental não é tanto a sua exclusão social, “(...) mas antes a ambigüidade que o envolve. É o ir além e voltar que Ginzburg atribui às bruxas e que também se associa ao cigano” (FERRARI, 2006).

Muitos mitos foram construídos em torno desses povos, onde por inúmeras vezes foram retratados como tema de filmes, telenovelas, em clássicos, romances e até mesmo na literatura, como trabalha Florencia Ferrari. A imagem que se tem dos ciganos, homens e mulheres, em obras como *Memórias de um Sargento de Milícias*<sup>8</sup>, por exemplo, é a de que “(...) de um lado a sedução, explicitamente aquela em que se encanta mas não se entrega, e também próxima à representação da prostituta; e de outro,

<sup>7</sup> Agitação – o texto se refere a baderneiros, povos perigosos que buscavam desordem por onde passavam.

<sup>8</sup> A obra de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias (1854-1855)* mostra a representação de costumes e cenas do Rio de Janeiro de uma determinada época baseado na dinâmica social do Brasil na primeira metade do século XIX.

a “malandragem” no negócio” (FERRARI, 2006). Homens tidos como trapaceiros e arruaceiros e mulheres vistas como feiticeiras sedutoras: eis a imagem que se tem dos ciganos em obras literárias do século XIX.

Porém, é perceptível que em muitas obras tais povos apresentam-se como: heróis, românticos, plebeus e sonhadores ou mesmo como ladrões, assassinos frios ou bandidos, sem falar nos estereótipos aplicados as mulheres ciganas tidas como feiticeiras e/ou prostitutas sensuais e sedutoras, capazes de desnorrear os homens para destruir-lhes o patrimônio. Grande parte destas construções imagéticas advém de obras literárias como *Carmem*, de Prosper Merimée, *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo e especialmente *Romancero Gitano*, de Federico Garcia Lorca<sup>9</sup>.

Desde que passaram a ser objeto de estudo das ciências humanas, o povo cigano tem sido alvo de preconceitos, estereótipos e perseguições, como demonstra vários estudos acerca deste tema (TEIXEIRA: 1999; PIERONI:1993; FERRARI: 2006).

Ao longo de sua história, os ciganos foram vítimas de muitas injustiças: foram perseguidos e obrigados a migrarem para outros países onde acabaram ressignificando seus costumes e tradições, além de serem forçados a se converterem ao Catolicismo modificando relativamente suas crenças.

É interessante perceber que no Brasil, um país conhecido pela sua diversidade étnica e cultural, ainda verificamos casos de diversas famílias ciganas que preferem se manter no anonimato à se identificarem como descendentes dessa ou daquela etnia<sup>10</sup>. Segundo Morais Filho:

A dissolução do cigano sedentário se processou pelo duplo efeito da mestiçagem e da assimilação da vida burocrática ou comercial cidadina. Nos dois maiores centros de densificação cigana, Bahia e Rio de Janeiro, seu desaparecimento como massa sensível foi completo. De mais raro e difícil dispersamento étnico está sendo ainda o cigano nômade, vivendo no grupo errante, por todos os estados do Brasil desde o século XVIII. (MORAIS FILHO, 1981, p. 27).

Hoje, verificamos que existe um esforço por parte de pesquisadores das mais diversas áreas e de alguns grupos ciganos no intuito de problematizar a história desses povos trazendo à tona diversos estudos que buscam, a cada dia, desconstruir estereótipos e dissolver preconceitos aplicados erroneamente a tais povos, ansiando assim por um futuro próximo de maior igualdade social.

Mesmo assim, a cultura cigana aparece aos olhos de muitas pessoas como “misteriosa e sedutora”, especialmente quando falamos sobre as mulheres e a dança cigana.

<sup>9</sup> Todas essas obras têm uma vasta bibliografia que analisa as imagens dos ciganos produzidos por elas.

<sup>10</sup> As pesquisas até agora realizadas no Brasil provam a existência de ciganos de pelo menos dois grupos diferentes: os Calon que migraram para o país, voluntária ou compulsoriamente, já a partir do Século XVI, e os Rom (em seus diversos subgrupos) que, ao que tudo indica, migraram para o Brasil somente a partir de meados do Século XIX. Nenhuma publicação trata de ciganos Sintí, mas que com certeza também devem ter migrado para o Brasil, junto com os colonos alemães e italianos, a partir do final do Século XIX. TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. História dos Ciganos no Brasil. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008, p. 12.

## A DANÇA CIGANA: DANÇAR O CORPO, DANÇAR A ALMA

A dança é uma experiência transcendental. Roger Garaudy (1980) a classifica como “(...) a expressão, através de movimentos do corpo organizados em seqüências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica.” (GARAUDY, 1980, p. 13). Dançar é um modo de existir e a dança cigana vai muito mais além: ela não só é a expressão de sentimentos, mas também a celebração da natureza e do sagrado feminino.

Para além dos estereótipos criados em torno da dança cigana e da sua enorme popularização que ela vem ganhando nos últimos anos, a dança cigana praticada em alguns grupos ciganos, notadamente por mulheres tidas como sacerdotisas de determinados clãs, ainda tem a conotação religiosa de ligação entre a dançarina e as forças e/ou elementos da natureza.

Como qualquer tipo de dança étnica<sup>11</sup> ou comum bem executada, com bases sérias e segura, a dança cigana, segundo a sacerdotisa Sumaya Sarran<sup>12</sup>, “(...) trabalha com a harmonização do corpo e reconhecimento do ser humano como parte do universo, sua ligação com a natureza e a espiritualidade, traduzida em sensibilidade e movimentos, e a partir disso encontrar seu caminho e escolhas na própria vida”. Desta forma a dança é uma oração, sendo assim sagrada. Uma série de elementos e significados a compõe, delimitando suas diferenças, como uma arte traduzida magnificamente em ritmos e passos que falam da história de um povo milenar, excluído socialmente, empurrado durante séculos de um lado para outro, de uma nação para outra, rompendo fronteiras e incomodando povos e populações com seus costumes e tradições que não eram aceitos e nem eram vistos com bons olhos (COSTA, 2006, p. 19).

Como povo festivo, os ciganos fazem muitas festas durante o ano como batizados, nascimentos, aniversários, casamentos e slavas, ou seja, festa para homenagear um santo ou santa<sup>13</sup>. Tudo é motivo de festa, música e dança, como afirma a pesquisadora Cláudia Camargo de Campos:

Alguns rons se arriscam a dizer que a dança nasce com eles, pois são acostumados, desde pequenos, a ouvir os sons das guitarras e das castanholas e a ver seus parentes dançando as seguidillas, a rumba, as alegrias e o tradicional flamenco, danças típicas dos calons espanhóis. (CAMPOS, 1999, p. 62)

---

<sup>11</sup> Segundo o pesquisador Antonio José Faro, a dança é dividida em três formas distintas: a dança étnica, a folclórica e a teatral. No caso da dança cigana, ela encontra-se entre as danças étnicas porque, segundo Faro, “(...) essas danças pouco a pouco adquiriram o que poderíamos chamar de coreografia própria, ou seja, passos e gestos peculiares a cada uma, com significado próprio e que deveriam ser respeitadas no contexto de cada cerimônia específica” (FARO, 2011, p. 15)

<sup>12</sup> Entrevista com a sacerdotisa cigana Sumaya Sarran falando sobre a dança cigana foi pesquisada no blog Baralho Cigano On Line, em 20/06/2012: <http://baralhociganoonline.blogspot.com/2009/02/danca-cigana.html>

<sup>13</sup> Nas comunidades ciganas de todo o mundo, o dia 24 e 25 de maio comemora-se o dia de Santa Sara Kalí, a única santa cigana reconhecida pelo Vaticano e considerada a padroeira deste povo.

A dança cigana que é ensinada nas escolas de dança não é a mesma que é executada pelas sacerdotisas que estão à frente de alguns clãs. Dançar, para elas, não é coreografar porque a dança vem da alma e é a expressão de certa sacralidade, como afirma a cartomante, quiromante e dançarina calí Niffer Cortêz: “Eu, por exemplo, danço para os meus antepassados, fazendo uma homenagem a eles. Acho que, com isso, danço melhor porque existe uma coisa muito séria na cigana quando dança...” (CAMPOS, 1999, p. 62). O que Niffer Cortêz quer expressar é justamente a força que vem de dentro da alma da qual o corpo, entendida como templo, expressa através dos passos bem marcados e ritmados. Neste sentido, não é possível haver uma coreografia na dança cigana porque remarcar uma dança é prender sua criatividade, é não dar vazão as forças da alma, pois, segundo ela, o desempenho depende da emoção e mesmo se escutando a mesma música várias vezes, a cigana não consegue executar os mesmos passos, como afirma o cigano do clã khorakhanè e professor de música Antonio Guerreiro “... o passo da dança é inventado, pois não há coreografia”.

Pelas tantas caminhadas feitas por diversos países e lugares no mundo, há diversas influências na dança cigana, influências que falam de costumes e crenças, diferenciando o ritmo e o bailar, mesmo assim mantendo toda a profundidade, força e sensibilidade que caracteriza essa arte. Não podemos esquecer que esta dança não só sofreu influências como também influenciou outras tantas danças, num processo que caracterizaria certa circularidade cultural<sup>14</sup> entre os povos ciganos e outras culturas, como por exemplo, as influências recíprocas entre ciganos, árabes e judeus nas danças espanholas e dança do ventre.

Na verdade, a dança cigana não perdeu sua singularidade com as influências de outras danças, ela ressignificou e deu continuidade as suas tradições porque tudo que permanece estático, em termos de cultura, tende a desaparecer, como afirma Faro:

Sabemos que tudo aquilo que permanece estático acaba perecendo. No caso das manifestações do ser humano, elas se apresentam sempre dentro de um contexto social, racial e climático que influencia não só seu nascimento, mas, principalmente, seu desenvolvimento. (FARO, 2011, p. 20).

A dança cigana é sagrada, como afirma a sacerdotisa Sumaya Sarran, pois dançar ao ritmo cigano não é apenas reproduzi-lo em movimentos, a dança é uma oração única, onde a bailarina tem a oportunidade de mostrar quem é, ou seja, seu ser, sentimentos, sonhos, a sabedoria que adquiriu em sua jornada e tudo que ainda busca: sua comunhão com a natureza e o sagrado descobrindo que faz parte de um todo divino chamado Universo.

---

<sup>14</sup> O conceito de circularidade cultural foi descrito pelo historiador Carlo Ginzburg (1987) como sendo um influxo recíproco entre uma cultura subalterna e outra hegemônica. Nós nos apropriamos deste conceito para também perceber que esses influxos se davam também de forma horizontal, entre culturas ditas subalternas, no caso dos ciganos e judeus, tidos como povos excluídos e perseguidos na Península Ibérica por volta dos séculos XIV e XV (BETHENCOURT, 2000). Em relação aos povos árabes que dominaram a península ibérica entre os séculos VIII e XIV, houve uma maior tolerância religiosa que propiciou uma maior circularidade cultural entre judeus, cristãos e, de certa forma, os povos ciganos juntamente com os árabes (ANDRADE FILHO, 1997).

Não é apenas o encontro com o sagrado e com a natureza e os antepassados que faz a dança cigana, ela também é o encontro com o ser feminino buscado pelas chamadas “ciganas de alma”, estudadas pela antropóloga Cláudia Bomfin<sup>15</sup>. Ao entender que ser cigana é a encarnação da mulher forte, livre e independente, sedutora, alegre e bonita, a feiticeira conhecedora das artes de dominar os homens, essas mulheres investigadas por Cláudia Bomfin buscavam a afirmação dessa feminilidade através da dança. A criação dessa *cigana de alma* esboçaria a existência de uma rede de significantes e significados; de recortes de várias representações que englobariam todas as concepções compartilhadas pelo grupo acerca dos ciganos. O laico e o religioso se (con) fundiam criando uma *cigana virtual* que encarnaria todo o poder do feminino (BOMFIN, 2002).

A idéia da busca do feminino e da feminilidade na dança vem desde a formação das comunidades matriarcais na antiguidade, quando era identificada na dança toda a sacralidade contida nas forças da natureza e que representava, a um só tempo, conhecimento, religião e arte (GARAUDY, 1980, p. 16). Só a mulher tinha acesso a esse conhecimento e a ela cabia rituais para fertilidade, felicidade e boas colheitas. Dançar era ofertar a Grande Deusa<sup>16</sup> seu respeito e agradecimento pelas bênçãos recebidas e também pedir boas colheitas, terra fértil e fertilidade para homens e mulheres. Segundo a pesquisadora e cigana Rúbia Zaia:

Através da Dança Cigana descobrimos o sagrado feminino, a força do masculino e a grandeza de nossa alma. Em seus movimentos ritmados pelas batidas de nossos corações, criamos nossa própria dança interior, revelando nossa essência divina. É uma dança cheia de magia, sedução e principalmente revelação. Liberta-nos, rompe medos, ensina a valorizar nosso corpo e nos faz sentir o prazer de sermos quem somos. (ZAIA, 2010)

Na antiguidade, quando as mulheres eram consideradas a encarnação terrena da deusa, era natural que algumas devessem proporcionar o elo vital entre a comunidade e sua divindade, e isto elas fizeram como sacerdotisas. Com seus rituais sagrados e danças que conduziam ao transe, as sacerdotisas canalizavam as energias criativas da deusa para o mundo material (ROBERTS, 1998, p. 21).

Desta forma, é neste sentido que a dança cigana, envolvendo as forças da natureza e canalizando suas energias, atua no corpo da dançarina e sacerdotisa, emanando para comunidade bons fluídos, criando/recriando e mantendo laços afetivos entre seu povo.

---

<sup>15</sup> O termo “ciganas de alma” foi criado por um grupo de dança cigana no Rio de Janeiro, cujas praticantes faziam questão de dizer à pesquisadora que eram *ciganas de alma*, embora não tivessem qualquer relação, de fato, com a etnia cigana.

<sup>16</sup> A Grande Deusa, conhecida inicialmente como Inanna e mais tarde como Ishtar, deteve o poder durante todo o nascimento e o berço da civilização do antigo Oriente Médio, desde o início da história até cerca de 3000 a. C. e onde ela era adorada, com diversos nomes em várias civilizações, como a criadora do mundo (SJOO e MOR, 1987).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente no Brasil podemos identificar uma série de preconceitos existentes em diversos segmentos da sociedade, apesar de sermos considerado um país multicultural. O Brasil ainda se mostra imaturo no que se refere às relações com as “diferenças”, seja em relação à cultura e/ou etnias, onde citamos especificamente o caso do povo cigano.

Hoje temos em mãos muitas maneiras de combater o preconceito, especialmente através de estudos sérios, fazendo com que os povos ciganos possam ter sua auto-estima recuperada, não precisando mais temer ou envergonhar-se ao se retratar como participante deste grupo.

Nosso artigo teve como principal objetivo promover uma busca pela inclusão social e para uma conscientização do papel cigano no Brasil e se propondo e derrubar conceitos infundados impostos a esse povo, tidos como “estranhos” dentro do contexto social convencional, além de perceber que a dança cigana, tida muitas vezes como exótica, não se constitui para alguns clãs mais tradicionais como uma dança meramente sensual e de conquistas afetivas.

Aqui podemos esclarecer por quais motivos os ciganos foram tão perseguidos no passado entendendo também porque hoje ainda são vistos com maus olhos como pessoas inferiores e marginalizadas pela a sociedade. Apesar desse descaso dado ao longo do tempo percebe-se que esse quadro vem se modificando ainda que gradativamente, pois, os ciganos no Brasil vêm tomando uma nova postura perante a sociedade e tem abandonado o medo de se exporem como atores sociais. Tal povo tem se dado conta de sua importância para a história do Brasil e para o mundo começando a resgatar suas raízes e costumes, enfrentando e desmistificando vários preconceitos em torno de sua imagem e de sua cultura.

Concluimos este artigo pensando que todos nós precisamos repensar e refletir sobre as diferenças, respeitando uma cultura e aceita-la como importante para a sociedade, o que não significa dizer que precisamos comungar dos mesmos princípios e costumes que são vivenciados por eles. Apesar de tudo, o Brasil tem tomado consciência da importância de se desfazer desses mitos e em cima dele construir uma nova página na história permitindo que os direitos sejam respeitados e invioláveis e que os ciganos possam dentro de um processo democrático e apoiado pelas instituições oficiais representarem o país e tendo-o como Pátria conquistando a sua dignidade e reconstruindo sua cultura.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Antonio. Revista Plos One: <http://www.plosone.org/article/info:doi/10.1371/journal.pone.0015988>

ARAÚJO, Samuel & FARIA, Antonio Guerreiro de. Lundu à Cigana? Revista de História da Biblioteca Nacional, Dossiê Ciganos no Brasil, ano 2, n. 14, novembro de 2006, p. 26-28.

ANDRADE FILHO, Ruy. Os Muçulmanos na Península Ibérica. São Paulo: Contexto, 1997.

BETHENCOURT, Francisco. História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália, Séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOMFIN, Cláudia. Dançando com as ciganas de alma: Identidade feminina e estética corporal na dança cigana. <http://www.unsam.edu.ar:80/GT/GT 5>

CAMPOS, Claudia Camargo de. Ciganos e Suas Tradições. São Paulo: Madras, 1999.

COSTA, Elisa Maria Lopes da. Ciganos em Terras Brasileiras. Revista de História da Biblioteca Nacional, Dossiê Ciganos no Brasil, ano 2, n. 14, novembro de 2006, p. 16-19.

\_\_\_\_\_. A Família Cigana e o Povoamento do Brasil – Uma História Singular. IN: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Sexualidade, Família e Religião na Colonização do Brasil. Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

DOMAS, Filho, J, “ *Os ciganos em Minas Gerais* “ Revista do instituto histórico e geográfico de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano III, vol.III, 1948, p. 146.

FARO, Antonio José. Pequena História da Dança. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERRARI, Florencia. Ciganos Nacionais. Revista Acta Literária, n. 32, 2006, p. 79-96.

\_\_\_\_\_. *Um olhar oblíquo – contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. São Paulo, Dissertação de mestrado, Depto. Antropologia Social, FFLCH- USP, 2002.

FILHO, Mello Moraes. *Os ciganos no Brasil e o Cancioneiro dos Ciganos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

GARAUDY, Roger. Dançar a Vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GONÇALVES, Andréa Lisly. Fazer o quê? Revista de História da Biblioteca Nacional, Dossiê Ciganos no Brasil, ano 2, n. 14, novembro de 2006, p.20-21.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MENDES, Miriam Garcia. A Dança. São Paulo: Ática, 1987.

MOONEN, Frans. Anticiganismo: *Os ciganos na Europa e no Brasil*. 2008.60.f Dissertação (Mestrado em cultura) Universidade de Juiz de Fora - MG

RIBEIRO, Cristina Betioli. Ladrões de Crianças. Revista de História da Biblioteca Nacional, Dossiê Ciganos no Brasil, ano 2, n. 14, novembro de 2006, p. 22-25.

PIERONI, Geraldo. *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

SJOO, Mônica & MOR, Barbara. *The Great Cosmic Mother: Rediscovering The Religion of the Earth*. San Francisco, 1987.

Revista Ciência Hoje, 19 de junho de 2012:  
<http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=47074&op=all>

ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1998.

TEIXEIRA, Rodrigo Correa. *História dos Ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, Coleção Estudos Ciganos, 1999.

TEODORO, António. *Globalização e Educação: políticas educacionais e novos modos de governação*. São Paulo: Cortez, 2003.

VELOSO, Monica Pimenta ET. AL. *Corpo: Identidades, Memórias e Subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

ZAIA, Rúbia. Dança Cigana: Alegria, Prazer e Cura. <http://rubiazaia.blogspot.com.br/2010/04/danca-cigana-alegria-prazer-e-cura.html#Label1>, acessado em 21 de junho de 2012.